

Ensino de má qualidade atrasa país

■ Saber ler e escrever, em baixa no Brasil, são principais itens da formação profissional

ELIANE BARDANACHVILI

O emperrado ensino brasileiro está fazendo muito mais do que formar mal — ou não formar — sua população. Diante de um quadro em que a alta tecnologia e as máquinas complexas dominam cada vez mais o cotidiano das empresas — e das pessoas —, a educação passou a ser a alma do negócio e o Brasil começa a pagar caro por não tê-la levado a sério.

Se a falta de ensino de qualidade não fazia diferença num mercado que exigia trabalho mecanizado, sem envolvimento do trabalhador, agora, a boa formação — que o país ainda não garante — torna-se indispensável, como indicam os especialistas que participaram do seminário *Tecnologia & Desenvolvimento — O que Muda na Formação Profissional*, realizado no Rio, semana passada, pelo Senai.

“Ler, escrever e contar tornou-se formação profissional”, explica o especialista em educação e trabalho Cláudio Moura Castro, técnico do Banco Mundial, em Genebra, que participou do evento. “Isso é o principal instrumento de trabalho das empresas modernas, que se horizontalizaram. Um operário, hoje, deve saber ler manuais, conhecer as máquinas que maneja. Se ele não tem esse domínio já não consegue uma vaga no mercado”.

Moura Castro observa que conhecimentos que antes eram exigidos “somente fora das fábricas”, hoje, são requisitados dentro. “Esses conhecimentos são justamente os oferecidos na escola”, diz Moura Castro. “Muito do que se tem que aprender na **boa formação profissional, com uma sózinha, tão básica, aprende-se**”.

As novas exigências também os países desenvolvidos. Os Estados Unidos, que têm, hoje, mais de 60% de sua população com nível universitário e 100% com 2º grau completo, concluíram que é preciso dobrar o número de mestres e doutores e trazer para a universidade 90% da população até o ano 2000, a fim de enfrentarem os novos tempos. No Brasil, apenas 40%



Moura Castro propõe criação de ‘franquias de formação profissional’

de cada geração que entra na escola concluem o 1º grau.

Nas fábricas americanas, a maior parte do que se gasta na produção é custo intelectual. Levantamentos internacionais mostram que para se produzir um automóvel no mundo desenvolvido, 40% dos custos referem-se ao material empregado, como aço e vidro, enquanto 60% são gastos com desenhos e projetos. Na fabricação de microchips de computador, gastam-se apenas 5% em material, para 95% em recursos humanos.

A professora da Faculdade de Economia da UFRJ Vanilda Paiva, que pesquisa as relações entre trabalho e educação lembra que é a qualificação real que precisa se elevar. “Não adianta diploma sem conhecimento de fato por trás”. O abismo criado no Brasil entre a demanda por melhor formação e a baixa qualidade do ensino é histórico. “Nos anos 70, o país não investiu em educação básica como deve-

ria e era considerado um fenômeno: mesmo com baixa qualificação, conseguia crescer, produzir. Hoje, isso não acontece. O nível de qualificação brasileiro está abaixo do esperado em relação ao nível de desenvolvimento”.

Entre os itens que “empurram para o alto” a necessidade de qualificação, Vanilda cita não só a forma de produção e organização do trabalho dentro das empresas, como os hábitos de consumo e a organização do cotidiano. “Até para consumir é preciso mais conhecimento, para ler o manual de um novo aparelho e saber utilizá-lo”.

Vanilda alerta para outro fenômeno provocado pela modernidade e que também exige qualificação crescente: o desemprego gerado pelo avanço tecnológico. “A tendência é de partir cada vez mais para atividades por conta própria. Hoje, não nos preparamos só para um emprego, mas para a falta dele”.